

RÈGLES DE LA TRADUCTION FRANÇOISE (CA. 1650)



ANTOINE LE MAISTRE

MAURI FURLAN (TRADUTOR)

ANTOINE LE MAISTRE (1608-1658) foi um advogado jansenista francês e, posteriormente, pedagogo e ‘solitário’ (leigo retirado do mundo, num espírito de eremita, mas sem integrar uma ordem religiosa) na abadia de Saint-Cyran, em Port-Royal de Paris, e em Port-Royal des Champs – reduto de vitalidade intelectual (Plazenet, *Port-Royal*, 2012) –, tornando-se conhecido como autor de obras religiosas e tradutor de são João Crisóstomo, São Bernardo e Santo Agostinho, entre outros; foi professor e amigo de Jean Racine, e colaborou em *Les Provinciales* de Blaise Pascal. Por solicitação de um erudito, que fora seu aluno, Pierre Thomas du Fossé, e provavelmente também refutando a críticas, como as mencionadas por Nicolas Fontaine, de “faire paraître en notre langue avec tant de pompe et de majesté les ouvrages des anciens”¹ [fazer surgir em nossa língua, com tanta pompa e majestade, as obras dos antigos], Le Maistre escreveu, por volta de 1650, dez “Règles de la traduction françoise”, e publicadas somente em 1736. Quando de sua morte, Antoine Le Maistre tinha começado uma nova tradução do *Novo Testamento*, que, continuada por seu irmão Louis-Isaac Le Maistre de Sacy, veio à luz em 1667, em Mons (*Nouveau Testament de Mons*), e, estendida a empresa a toda a Bíblia, o séc. XVIII conheceu a *Bible du Port-Royal*, ou *Bible de Sacy*, uma das mais difundidas traduções da Bíblia em francês.

A concepção de tradução de Antoine Le Maistre se situa entre um literalismo radical e um cuidado com o texto na língua de chegada – como o explicita já na primeira das regras –, concepção que participa do pensamento sobre tradução que configura uma generalizada prática na França dos séculos XVII e XVIII e que se convencionou chamar de *belles infidèles*, e do seu debate entre fidelidade vs. beleza, embora não se possa afirmar que a tradução praticada pelos eruditos de Port-Royal seja em sua totalidade comum à das *belas infieis*.²

Mauri Furlan

¹ FONTAINE, Nicolas. *Memoires pour servir a l’histoire de Port-Royal*. Tome premier. Autrecht, Au Depens de la Compagnie, 1736, p. 136.

² Nesta presente edição de nº 13 da *Scientia Traductionis*, publicamos o artigo “Port-Royal et la stylistique de la traduction”, de Basil Munteano, e tradução de Cláudia Borges de Faveri, o qual é uma reflexão sobre a concepção de tradução de Port-Royal e de seus tradutores jansenistas.

RÈGLES DE LA TRADUCTION FRANÇOISE

I. La premiere chose à quoi il faut prendre garde dans la traduction françoise, c'est d'être extrêmement fidele & litteral, c'est-à-dire, d'exprimer en notre langue, tout ce qui est dans le latin, & de le rendre si bien, que si, par exemple, Ciceron avoit parlé en notre langue, il eût parlé de même que nous le faisons parler dans notre traduction.

II. Il faut tâcher de rendre beauté pour beauté, & figure pour figure, d'imiter le stile de l'auteur, & s'en approcher le plus près qu'on pourra, varier les figures & les locutions, & enfin rendre notre traduction un tableau & une représentation ou vif de la piece que l'on traduit: en sorte que l'on puisse dire que le françois est aussi beau que le latin; & citer avec assurance le françois au lieu du latin.

III. Il faut distinguer la beauté de notre prose d'avec celle de nos vers. La beauté de nos vers consiste en partie dans les rimes, au lieu que la prose françoise affecte de n'en avoir point: car c'est une regle générale d'éviter les rimes dans la prose. Les vers veulent une certaine mesure, & dans la prose il faut prendre garde de ne finir jamais une période par un vers entier ou par un demi vers, qui consiste en six sillabes s'il est masculin, & en sept s'il est féminin. Il n'y a qu'une seule exception pour la rime, à savoir, qu'encore que ce soit une regle générale de n'en faire point, néanmoins c'est quelquefois une beauté, lorsqu'il y a antithese entre deux mem-

REGRAS DA TRADUÇÃO FRANCESA

I. A primeira coisa à qual deve-se prestar atenção na tradução francesa é a de ser extremamente fiel e literal, isto é, expressar em nossa língua tudo o que está no latim e deixá-lo tão bem que, por exemplo, se Cícero tivesse falado em nossa língua, teria falado do mesmo modo que nós o fazemos falar em nossa tradução.

II. É preciso esforçar-se para restituir beleza por beleza, figura por figura, para imitar o estilo do autor, e dele aproximar-se o mais perto que se puder, variar as figuras e as locuções, e por fim tornar nossa tradução um quadro e uma representação viva da obra que se traduz: de modo que se possa dizer que o francês é tão belo quanto o latim; e usar com segurança o francês no lugar do latim.

III. É preciso distinguir a beleza de nossa prosa daquela de nossos versos. A beleza de nossos versos consiste em parte nas rimas, enquanto que a prosa francesa gosta de não tê-las: pois é uma regra geral a de evitar as rimas na prosa. Os versos querem uma certa medida, e na prosa deve-se prestar atenção para nunca terminar um período com um verso inteiro ou com meio verso, que consiste em seis sílabas se for masculino, e em sete, se for feminino. Há uma única exceção para a rima, a saber: que embora haja uma regra geral de não produzi-la, há, contudo, algumas vezes, beleza em acrescentar-lhe também a rima quando há antítese entre dois mem-

bres, d'y joindre aussi la rime: mais elle ne se sauroit souffrir en notre langue en toute autre occasion qu'en celle là. Quant aux demi vers, on est obligé d'en laisser un à la fin d'une période, lorsqu'on ne peut tourner la phrase autrement, & que, si on l'ôtoit, l'élocution en seroit moins juste & moins naturelle.

IV. Il ne faut dans notre traduction, ni faire des longues périodes, ni aussi affecter un stile trop concis. Et comme notre langue est de soi plus longue que le latin, & demande plus de mots pour exprimer tout le sens, il faut tâcher de garder un juste milieu entre l'excessive abondance de paroles qui rendroit le stile languissant, & la brieveté excessive qui le rendroit obscur.

V. Tous les membres d'une période doivent être tellement justes, & si égaux entre eux, qu'ils se répondent, s'il est possible, parfaitement les uns aux autres.

VI. Il ne faut rien mettre dans notre traduction dont on ne puisse rendre raison, & que l'on ne puisse dire pourquoi on l'a mis; ce qui est plus difficile qu'on ne pense.

VII. On doit prendre garde à ne commencer jamais deux périodes, & encore moins deux membres par une particule, comme *car*, *mais*, ou autres semblables.

VIII. Il faut tâcher aussi de ne point mettre de suite des mots qui commencent de la même façon; comme *qu'on confisque*, *qui querelle*; & bien qu'il y en ait qui ne commencent pas de la même sorte dans l'écriture, comme dans le premier exemple qui est marqué, il suffit qu'ils se prononcent

bros: mas ela não seria suportada em nossa língua em qualquer outra ocasião que nesta. Quanto aos meio versos, deve-se deixar um no fim de um período, quando não se pode moldar a frase diferentemente, e que, se subtraído, a elocução ficaria menos precisa e menos natural.

IV. Não é necessário na nossa tradução construir longos períodos e tampouco afetar um estilo conciso demais. E porque nossa língua é por si mais longa que o latim, e exige mais palavras para expressar todo o sentido, é preciso esforçar-se para observar uma medida justa entre a abundância excessiva que torna o estilo lânguido, e a brevidade excessiva que o torna obscuro.

V. Todos os membros de um período devem ser de tal modo precisos, e tão iguais entre si, que se correspondam, se possível, perfeitamente uns aos outros.

VI. É necessário não acrescentar nada em nossa tradução que não se possa justificar e dizer por que foi colocada; e isso é mais difícil do que se imagina.

VII. Deve-se prestar atenção para nunca começar dois períodos, e muito menos dois membros por uma partícula como *pois*, *mas*, ou outras semelhantes.

VIII. É preciso esforçar-se também para não colocar em sequência palavras que começam com a mesma forma; como *com confisco*, *que querela*; e ainda que haja as que não comecem da mesma forma na escrita, como no primeiro exemplo que foi mostrado, basta com que se pro-

de même pour les rejeter, parce que l'harmonie du discours est pour plaire aux oreilles & non aux yeux.

IX. Le plus beau membre est celui qui est au dessous ou au dessus de la moitié d'un grand vers héroïque, c'est-à-dire, qui est de cinq ou sept sillabes. Les huit sillabes sont bonnes aussi: mais il faut prendre garde que si la période finit par un nom masculin, il est bon que le précédent soit un féminin: comme par exemple, *sur la montagne de Sinai*. On mis *montagne* qui est un mot féminin à cause de *Sinai* qui est masculin & qui finit la période. Car on ne considère pas ce petit mot *de*. Au reste il ne faut pas s'assujettir à finir toujours par quelqu'un de ces beaux membres qui ne sont proprement que pour la fin des grandes périodes, parce que le discours en paroît moins naturel par cette affectation perpétuelle.

X. Lorsqu'une période est trop longue & trop embarrassée dans le latin ou dans le grec, il faut, en la traduisant, la couper en plusieurs petits membres: ce qui fait d'une part, qu'au lieu qu'elle auroit été languissante, on la fortifie de sorte qu'elle se soutient mieux, & de l'autre qu'on rend clair & intelligible ce qui auroit été rempli d'une obscurité vitieuse.

nunciem do mesmo modo para serem rejeitadas, porque a harmonia do discurso é para agradar os ouvidos e não os olhos.

IX. O mais belo membro é aquele que está antes ou depois da metade de um grande verso heroico, isto é, que é de cinco ou sete sílabas. Os de oito sílabas também são bons: mas deve-se prestar atenção porque se o período termina por um nome masculino, é bom que o precedente seja um feminino: como por exemplo, *sobre a montanha de Sinai*. Coloca-se *montanha*, que é um nome feminino, em consideração a *Sinai*, que é masculino e que conclui o período. Pois não se considera a palavrinha *de*. De resto não é necessário sujeitar-se a terminar sempre com algum desses belos membros, que são somente próprios para o fim dos grandes períodos, porque o discurso pareceria menos natural por essa afetação contínua.

X. Quando um período é demasiado longo e demasiado complexo no latim ou no grego, deve-se, ao traduzi-lo, cortá-lo em vários membros pequenos: isso faz, por um lado, com que em vez de torná-lo lânguido, seja fortificado de modo que se sustente melhor, e, de outro, que se deixe claro e inteligível o que teria ficado pleno de uma obscuridade viciosa.

Tradução de:

Mauri Furlan

maurizius@gmail.com

Prof. Dr., Universidade Federal de Santa Catarina

Fonte: M. Fontaine. *Memoires pour servir a l'histoire de Port-Royal. Tome second. Utrecht, Au Depens de la Compagnie, 1736. pp. 176-178*